

O Comunista

SEMANARIO—Orgão do Partido Comunista Português

EDITOR—José Rodrigues

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. do Arco do Marquês do Alegrete, 30, 2.º, D.—LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL
MANUEL RIBEIRO

Propriedade do Grupo Editor O Comunista

ADMINISTRADOR—Nascimento Cunha
SECRETARIO—Caetano de Sousa

COMPOSTO E IMPRESSO—Rua do Seculo, 150 — LISBOA



NOVOS HORIZONTES



O Partido Comunista que uma dúzia de revolucionários e de militantes sindicais fundou há pouco, intérprete dum estado de consciencia colectivo, está longe de ser uma desdida nos antigos elementos combativos do operariado e muito menos uma abdicação no campo das lutas e dos princípios.

Não há idéas nem princípios imutáveis, mas reflexos cambiantes do estado social em perpetua evolução. Os que estudam e acompanham os movimentos sociais reconhecem esta verdade, e os que deles pretendem participar têm de moldar-se ás circunstancias criadas se querem fazer obra útil e progressiva.

O sindicalismo não foi mais do que uma nova modalidade de luta resultante de novas condições impostas pelo industrialismo á classe operaria. Os teóricos revolucionários procuraram então um campo de acção mais vasto nas massas trabalhadoras e architectaram as suas novas concepções de reorganização da sociedade. A teoria da Revolução social pela greve geral revolucionária como Georges Sorel a imaginou, passou contudo dum belo mito, porque a sindicalização das classes progrediu como se esperava e as lutas sindicais não atingiram a altura que fizesse delas o fulcro exclusivo de todas as preocupações politico-sociais. As greves começaram a ser facilmente liquidadas e os conflitos do trabalho não se generalisaram nunca em reivindicações dum amplo caracter social, mantendo-se sempre dentro dum estreito egoísmo de classe. A luta sindical e a greve começaram mesmo a ser, depois da guerra, um objecto de especulação capitalista, quando não se chegou mesmo á cumplicidade imoral de operarios e patrões.

Quer isto dizer que o sindicalismo esteja em falencia? De modo nenhum; o que os factos obrigam a reconhecer é a sua impotencia revolucionaria, é a sua falta de idealismo. E sem idealismo, não ha fé, não ha entusiasmo, não ha revolução.

E contudo o sindicalismo foi uma grande esperança na alma operaria e uma das mais belas teorizações da sociedade futura. Quando ele começou a desenvolver-se, fez-se o possível para arrancá-lo dos limites acanhados do corporativismo. Alargam-no, para o emancipar, num corpo de doutrina original e criaram-lhe uma substrutura idealista propria com valores filosoficos, estéticos e morais — para que os dispense das outras escolas.

Disse-se ao operario: vê na greve não somente o lado interesseiro o teu bem estar material, mas sobretudo o gesto de rebeldia, de insubmissão e de repulsa moral contra o salario e contra o Estado. Mas o egoismo, por fatalidade, prevalece sempre e o sindicato fica apenas o órgão mesquinho de aumento de salario, sem ambito para mais elevadas conquistas, para mais rasgadas iniciativas.

Contra o que se esperava, o sindicalismo não foi capaz de evitar guerra nem opor-lhe ao menos a tática mais comoda da sabotagem da resistencia passiva. A officina colaborou na hecatombe. Deu-lhe o orpo e deu-lhe a alma: deu-lhe milhares de trabalhadores e deu-lhe as máquinas, os engenhos, os canhões e as granadas. E foram lá longe os esforços dos idealistas, dos politicos, desses politicos tão desdenhados dos sindicais que hastearam a bandeira vermelha da Revolução social e abriram o caminho á sociedade nova. O operario que não tinha ido na Russia força para actuar como sindicalista encontrou-a porém para actuar como politico, porque foi o partido socialista operario e não a organização sindical russa que fez a Revolução. Daqui a lição de que o trabalhador deve estar no sindicato—órgão economico, exclusivamente como profissional e produtor, e no partido—órgão politico, como cidadão e revolucionario. No sindicato estudará a organica do trabalho, o aperfeiçoamento da tecnica e da produção e occupar-se-há dos seus interesses como assalariado; no partido olhará de frente o problema social em toda a sua complexidade e tentará resolvê-lo não de acordo com o interesse de classe mas sob o ponto de vista humano.

O sindicalismo, reconhece-o hoje a pratica, é muito exclusivo e predomina um acanhado espirito de classe. O seu alheamento sistematico degrada-o socialmente. E' preciso que o operariado rompa com a tradição de subalternidade que a abstenção politica tem concorrido para agravar. O operariado é para as oligarquias dirigentes uma coisa desprezível e um factor secundario na politica dum nação porque não se serve dos seus direitos politicos—como outrora os escravos. Podemos mesmo afirmar que este alheamento civico do operariado dá aos homens de estado a ilusão de que ele não possui realmente os direitos dos outros cidadãos e é dum raça degradada e inferior. O homem de estado só concebe a existencia da classe operaria na humilhante atitude de pedir. O operariado é para ele—uma mão estendida. Se pede em termos manda-lhe os seus secretarios e ás vezes os seus continuos. E é impertuno manda-o enxotar pela policia. Mas no dia em que o operariado não lhe appareça á porta do seu ministerio em comissões de

MILITANTES COMUNISTAS

Com a fundação do Partido comunista tem-se levantado grande discussão a proposito da sua necessidade e existencia dentro e fóra da organização sindical.

Muitos camaradas convencidos da necessidade d'ele, tem por sua vez manifestado publicamente a sua opinião, levando a realisação duma ideia que teve e tem por fim unificar os trabalhadores numa frente unica revolucionaria.

Muitos há tambem que esperam pela educação fazer a revolução social, não se lembrando, porém, que depois do povo estar educado, estava desde esse momento emancipado completamente. A impossibilidade de chegar a conseguir este objectivo, é que nos levou a pensar assim.

Podem dizer-nos que estamos enganados, mas o que é certo é que há muitos seculos que se tem esboçado tentativas de libertação com instrução ou sem ela e ainda nada se tem conseguido.

Outros há, que discordando destas e doutras iniciativas, procuram no isolamento das suas inconsequencias funestas, a satisfação do seu indiferentismo. Houve até algum que manifestou o seu horror (?) pela III Internacional e pela ditadura do Proletariado, como se isto fosse contrario ás possibilidades revolucionarias da nossa epoca.

Que lamentáveis incoerencias em cerebros tão cultivados e livres pensadores!... Não é verdade que é a organização sindical e popular, armada fortemente, que ha-de fazer baquear os tiranos? Não será precisa a violencia autoritaria do povo armado contra eles?

Pois se assim é, quem ousará negar a necessidade dum ditadura de ferro e fogo, imposta necessariamente contra os inimigos da proxima revolução?

Para aquele que observa atentamente a evolução psicologica do nosso meio anarquista, não deixará de ver os sintomas morbidos dum

decadencia ou cobardia mental que se tem exteriorizado torpemente num mutismo impenetravel, confundido numa indiferença marmorea. Encerrados hermeticamente no dogmatismo dos seus e seus principis, já não se lembram do direito de pensar e criticar livremente os novos metodos de luta, que o presente nos tem demonstrado.

Se as nossas opiniões são falsas e erroneas, ainda podemos e devemos rectificá-las se tal fór preciso. A verdade de hoje pode ser a mentira d'amanhã e vice-versa. Aquelles que julgam que estamos equivocados, devem contrapor ás suas ás nossas demonstrações, cara a cara, frente a frente.

Não receamos a controversia e a livre discussão, para chegarmos a conclusões praticas e definitivas, porque o amanhã da revolução nos ha-de trazer grandes surpresas. Entre os militantes comunistas e anarquistas deve haver a mais rigorosa unidade de vistas, pois dentro da organização sindical não se pode consentir por mais tempo a confusão que se tem espalhado entre o operariado. Todos somos comunistas mais ou menos libertarios, porisso as divergencias que surgiram ultimamente entre os militantes operarios tem que desaparecer já que as nossas ideias tem por fim libertar a Humanidade.

E' necessario que todos os operarios vejam e observem a acção desenvolvida dentro dos sindicatos pelos comunistas, para que se acabe de vez com as lutas pessoais que só prejudicam a honra da organização.

O operariado vai ver brevemente nos futuros congressos a obra realizada pelos seus orientadores, e alli poderá ver o resultado da nossa propaganda comunista.

Portanto todos os militantes devem estar alerta empregando todos os seus esforços para a unificação do proletariado Revolucionario.

JOSÉ da SILVA OLIVEIRA.

chapeu na mão, mas se erga diante d'ele, de cabeça erguida na plena posse e com a arma dos seus direitos politicos; no dia em que o homem de estado reconhecer que tem diante de si, nos reducos que até aqui julga exclusivamente seus, o cidadão com direito a exigir e não pedir, o seu igual e não o pobre diabo do operario que pede protecção, nesse dia a situação modificar-se-ha e a dignidade operaria ter-se-ha imposto e feito valer. Veja-se o que sucede na Inglaterra onde a opinião operaria é acatada e respeitada, como na questão russa e nas greves, Lloyd George não toma determinadas resoluções sem consultar a representação trabalhista parlamentar.

Demonstrada e bem demonstrada pela pratica a insuficiencia revolucionaria da acção sindical, necessario é recorrer a uma acção politica, a uma acção de partido. Não somos nós os unicos a dizê-lo; e precisamente porque não temos o orgulho da opinião formada nem a intolerancia fanatica do dogma é que acatamos as lições da experiencia e a palavra autorizada dos que sabem mais e dos que vêem melhor do que nós.

Os melhores militantes do sindicalismo revolucionario francês são hoje comunistas. As federações operarias mais retinamente sindicadas revolucionarias são sympathicas ao comunismo como o demonstra a adesão a Moscovo em seus congressos. O que fica no sindicalismo francês depois da scisão é apatia, ambigüismo, burocratismo, o peso morto que forma o numero e a quantidade. O espirito de Revolução foi-se.

O Partido Comunista Português respeitando e preconizando a organização sindical de que tantos componentes seus fazem parte, mas recorrendo que a sua acção é insuficiente e incompleta para a emancipação integral, convida o operariado e as massas proletarias em geral a fazerem a sua iniciação politica alistando-se como homens livres, na legião dos que estão dispostos a combater sem tréguas pela acção directa e sob todas as formas de luta, para que a Revolução social seja em breve uma realidade.

CONTRA A LIBERDADE DE PENSAMENTO

A Ferros da Republica

Na cadeia do Limoeiro e no Forte de S. Julião da Barra jazem 12 jovens comunistas

Ninguém que medianamente que seja, conhece acerca do movimento social internacionalmente organizado, ignora que funciona na Alemanha, com sede em Berlim a Internacional das Juventudes Comunistas, organismo em intima ligação com a 3.ª Internacional.

A quando da criação das Juventudes Comunistas, entre nós, estas puzeram-se muito naturalmente em contacto com a sua Internacional com a qual; de resto, já de ha muito estavam em relações as Juventudes Socialistas que naquelas se fundiram.

Mocidade ardente, de sangue nobre, e generoso, a Internacional de Berlim, tem desenvolvido, sobre tudo nos paizes da Europa central uma intensissima propaganda que fundamente tem marcado e que de todos os meios de publicidade ha lançado mão; o espectáculo, a conferencia, a sessão de propaganda, o comício — a folha solta, o manifesto, o pamfleto, o bilhete postal, etc.

De vez em quando usa promover o Comité Executivo de Berlim a realização de dias e semanas internacionais de propaganda e foi precisamente a feecção de uma dessas semanas, entre nós que motivou a detenção dos nossos presos.

Limitou-se a propaganda aquil á distribuição de uns simples manifestos doutrinarios e á affixação de uns cartazes enviados da Alemanha e escrito em francês. Mas porque estes eram impressos a vermelho, a cor é certo do sangue redemptor das revoltas mas tambem a tradicional cor que dos toiros desperta as iras, a arguta policia incapaz de traduzir o francês, embirrou com o vermelho. E vá de prender os jornais.

Esta Republica de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, sifilissada rameira, que nos braços da reacção está caindo e caubito torpe e hediondo, que só causa asco e só produz vomitos e como os moreços a quem a lua cega e só nas trevas vivem. Incapaz de fitar o sol da Verdade, abriga-se sob a negridão de uma roupeta.

E é por isso que a prende os jovens comunistas e nas prisões os conserva, em arbitaria violencia, contra os mais rudimentares principios das garantias individuais, mesmo numa democracia só para satisfação do seu baixo odio, aquele baixo odio que os seres mesquinhos tem sempre pelo Belo que detestam porque o não comprehendem.

Deste reducto de guerra, «O Comunista» lança á face dos oppressores o seu grito de revolta em favor dos oprimidos, victimas de mais uma Iniquidade da Republica burguesa e reaccionaria.

✻ ✻ ✻

TRABALHADORES, LE!

«O COMU»



A SCISÃO NO SINDICALISMO FRANCEZ

Os dirigentes reformistas da C. G. T., francesa com o traidor Jouxhaux à frente excluem daquele organismo os elementos anarquistas e sindicalistas revolucionários por delito de opinião comunista. O regoijo da burguesia francesa com o facto. O descalabro do sindicalismo por falta de unidade e de frente unica. Atrazo imenso para a Revolução social, objectivo reservado dos que provocaram a scisão. Quem são os inimigos do sindicalismo?

O sindicalismo francês acaba de sofrer um rude golpe provocado pelos seus criminosos dirigentes. Como se sabe no congresso de Lille, Jouxhaux & C.º obtiveram 1555 votos contra 1348 e 42 abstenções dos comunistas, insignificante maioria alcançada á custa de habéis manobras como a antecipação do congresso que, marcado para setembro se realizou em julho, e a organização *à la diable* de sindicatos esqueletos, favorável pois não se ignora que cada sindicato dispõe dum voto, quer tenha vinte membros ou vinte mil. Essa derrota que lá arrancando a direcção do C. G. T. das mãos reformistas para as mãos revolucionarias, alarmou a *troupe* de Jouxhaux que premeditou logo um golpe de mestre, embora á custa do sacrificio da organização sindical. O que esse bando pretende é menos a unidade de forças do que a sua continuação no poder. E a esta louca ambição imolou a grande obra que vinha realisando-se desde o celebre congresso de Amiens em 1905.

Entendam bem, camaradas, não foram os comunistas que por despeito de não alcançarem a maioria em Lille, sahiram da C. G. T. «obedientes á disciplina sindical» atacaram os factos e submeteram-se. Foi a maioria, ou melhor, a direcção confederal que essa maioria apolou, que lançou a excomunhão e irradiou do grande organismo proletariano cerca de metade dos seus componentes entre os quais se contam os mais bravos e activos militantes, que são os da Construção Civil, Ferro-viarios, Metalurgicos, cujas federações votaram no congresso de Lille contra Jouxhaux & C.º, é, contra o reformismo inactivo, covarde e contemporizador, inimigo da Revolução russa. Se houvesse duvidas de que esses miseráveis faziam com a sua opposição ao comunismo, o joço da reacção burguesa e capitalista, o gesto infame denunciava-os. Apesar dos esforços de Monatte e de Monmousseau, o ardente revolucionario comunista, que é a alma dos ferro-viarios franceses e um dos mais bravos paladinos do sin-

dicalismo revolucionario, o grande crime consumou-se e a scisão é hoje um facto. Este acontecimento que alarmou a opinião operaria de todo o mundo, veio demonstrar, como de resto se reconhecia já que são os não-comunistas que estão desorganizando a frente do proletariado procurando os mínimos pretextos, as questões mais fúteis, para crear conflitos que gerem scisões e por consequencia enfraquecimento das forças revolucionarias. O facto veio demonstrar onde é que estão os verdadeiros revolucionarios; se nos não-comunistas que para satisfazerem as ambições de mando provocam catastrofes como a da França, se nos comunistas que querem a unificação acima de tudo. O facto vem demonstrar quem são os desorganizadores do sindicalismo.

Ao lado dos não-comunistas ficaram os reformistas puros e os organismos frouxos, nem carne nem peixe, que só pesam e só contam pelo significado moral da adesão á C. G. T. e ficarão ainda outros, em obediência á disciplina sindical, que embora contendo muitos elementos revolucionarios deram maioria de votos a Jouxhaux & C.º. Mas bravos e arduos paladinos da Revolução social, essas qualizaram em França o sindicalismo e lhe imprimiram o seu caracter revolucionario que o impôz a todo o mundo, esses saem, banidos do seio da organização que crearam, por delito de opinião, por serem comunistas, por quererem a guerra sem quartel á burguesia, ao capitalismo e á reacção, por quererem enfim sem subterfugios cobardes nem evasivas a Revolução social.

A satisfação da burguesia com esta desagregação de forças foi enorme, e a attitud: da *troupe* Jouxhaux & C.º é louvada pelo seu *triotismo*, pelo seu *esprit de orden*, expulsando esses anti-patriotas comunistas amigos dos Soviets, agricultores a soldo de Lenine que querem provocar a destruição da civilização e perturbar a paz do mundo. Veremos porém a resposta das organizações sindicais vítimas do ukase da *troupe* de Jouxhaux.

DITADURA DO PROLETARIADO

Ha coisas tão evidentes, duma logica tão clara e segura que entra até nos cérebros menos lucidos. A opposição que se lhes já não passa portanto duma opposição de escola, insincera, de «parti-pria», de capricho, um jogo academico de frases, como os discursos desses deputados que reclamam congestionadamente no parlamento moralidade e economia e utilizam depois a sua influencia politica em manigancias e negocios escuros de que o Estado é vítima. Quantos que se dizem inimigos da ditadura a não exercem sob outras designações e formas, como a ditadura sindical, a ditadura duma função dirigente seja ela de caracter moral, e a ditadura da sua opinião, do seu credo, do seu ideal, que alegam ser os melhores?

«Não é portanto um bisantinismo, um formalismo ridiculo e caricato, pedante e pretencioso puritanismo que não corresponde aos sentimentos nem aos actos, vir grotescamente condemnar a ditadura do proletariado com a convicção aliás de que ela é inevitável?»

Os que combatem a ditadura do proletariado podem classificar-se em duas categorias. Os que não são sinceros e os que são sinceros. Aqueles procedem de má fé porque afirmam que a ditadura é um principio doutrinario e que os seus defensores collocados entre a possibilidade de a não exercerem ou de a exercerem, preferem este caminho. Ora os que defendem a ditadura do proletariado não são de nenhum modo seus partidários; o que reconhecem é a necessidade de utilisal-a no melhor sentido, visto ser inevitável. Só os tarados e anormais empregam a violencia por prazer.

Chamar tiranos a Lenine e Trotsky é chamar navalha a um bisturi que arranca um cancro ao corpo humano, não na Russia os ditadores que aliás não são dois nem meia dúzia de homens mas milhões de operarios — que são na Russia os ditadores — não extirpadores dos grandes cancros sociais? Ha victimas inocentes? Sem duvida. Conheçemos tambem muitos atentados anarquistas em que ha muitas victimas inocentes escapando até os alvejados. Nunca vimos o puritanismo chorar e sentimentalizar-se por estas victimas. Ha pois nesta categoria de inimigos da ditadura, deslealdade e hipocrisia.

Os que combatem sinceramente a ditadura, esses são inconsequentes e factos, um regime sem salariato possa organizar-se e viver. Um longo e difficil trabalho de organização material, a elaboração de novos valores morais impõe-se.

Mas esta tarefa de gestação duma sociedade nova não pode operar-se sem que o poder da burguesia seja abolido. Certamente, os reformistas tem razão quando pretendem que não basta decretar o comunismo para o realisar, e tem razão quando proclamam que não se pode passar instantaneamente do regime de autoridade absoluta que caracteriza o regime do salariato, ao regime de liberdade absoluta que caracteriza o comunismo. Erram porém os reformistas quando creem poder fazer dos quadros da sociedade burguesa quadros para a sociedade comunista.

A consciencia revolucionaria da classe operaria pode elaborar-se no interior da sociedade capitalista em reacção contra a exploração de que o operario é vítima, mas a organização comunista não pode sair da organização capitalista.

São insensatos os que creem que se pode transformar em regime social em um outro completamente oposto por adições sucessivas. O regime capitalista e o regime comunista estão em contradição total, absoluta. Como todas as sociedades, a sociedade burguesa não pode evoluir senão sua propria natureza, realizer mais as suas proprias, e não realisar características da sua antites.

Podeis completar um edificio que existe já e acrescentar-lhes novos andares, novas dependencias; podeis mesmo modificar a distribuição interior dos compartimentos, mas se em lugar deste edificio quizerdes um outro com novos materiais e um outro plano, é preciso primeiro lançar abaixo o velho edificio antes de construir o novo. «Não se deita vinho novo em odres velhos», diz a sabedoria antiga.

E' esta verdade profunda que torna necessária a ditadura do proletariado.

Para edificar a sociedade sem patrões nem assalariados, o proletariado deve suprimir primeiro o Estado burguês, armadura da sociedade capitalista, deve apoderar-se do poder e feito architecto poderá então, e então somente edificar a sociedade nova.

E' esta, como todos reconhecem, a linguagem de bom senso, da verfalhos de logica. «Reconheço, diz-nos um deles, que a ditadura é uma fatalidade imposta até pela natureza humana. Não se pode de facto passar duma sociedade má para uma sociedade boa, como se muda de camisa. Só os imbecis creem que no dia immediato ao da Revolução Social e vencida a burguesia em luta armada, se pode implantar logo o comunismo libertario ou anarquismo. Reconheço isso, mas não posso no meu intimo simpatizar com a ditadura, não posso deixar de a odiar e de gritar «Abaixo a ditadura do proletariado».

O individuo que fala assim é um sincero, mas é um sentimentalista. Para ele «ditadura é um mal. Aceitamos. Mas não é só odiando o mal que se vence o mal. Perante a invasão duma epidemia de colera ou da febre amarela, a mais razoavel das attitudes não é certamente começar a gritar «Abaixo a colera!» «Abaixo a febre amarela!». Um mal não se vence com rasões sentimentais mas com rasões scientificas. Se a ditadura é inevitavel tratemos portanto de estudar a melhor maneira de atenuar o mal e não nos desinteressarmos dele voltando-lhe as costas e começando a declamar retoricis. E é infelizmente retorica, palavrismo, caprichismo, falta de coerencia, o bom senso e de sinceridade, — todos os vicios que condenamos e de que não nos sabemos libertar. — a causa da divisão proletariado de que a Burguesia espartalhona habilmente aproveita, esfregando as mãos de contente.

Já que falamos em ditadura do proletariado não queremos terminar estas considerações sem as autenticarmos com a sanção da palavra de R. Louzon, um dos mais categorisados militantes do sindicalismo revolucionario francês. Escrevia ele ha pouco, a proposito da ditadura do proletariado.

«O comunismo não se pode de facto criar num dia. A substituição duma sociedade fundada sobre o individualismo e o egoismo, por uma sociedade fundada sobre a comunidade dos esforços e a colectividade dos proventos é uma obra de longo fôlego.

Não basta, como ensinam certos anarquistas, destruír as formas do Estado burguês e decretar a supressão da propriedade individual para que instantaneamente «ipso facto» e de rasão. Mas ha o dogmo do anarquismo encartado que não aceita estas verdades! Pois não queremos dogmas, nem admitimos coletes de forças no pensamento. Exatamente porque somos anarquistas e libertarios é que não admitimos dogmas nem padraes-mestres encartados em bonzós, impondo velhos ensinamentos decrépitos que lizeram o seu tempo.

A sciencia social evolue como as sociedades. O progresso despedaça e aniquila os grilhões das fórmulas.

Uma exploração baixa e torpe se está fazendo no seio do operariado português por creaturas incoascentes umas e outras de instintos perversos e maus que satisfazendo os seus odios e rancores vão fazendo o seu joço individual contribuindo assim para que a burguesia se ris da degradatione travada oerta de que os seus privilegios não serlo abalados agora e depois da batalha que se está travando. Batalha? Não! Batalha é qualquer coisa que mais ou menos dois ou mais belligerantes esperam e se preparam para o desforço. Mas o que se trava no seio da classe operaria não é uma batalha, mas uma serie de ciladas em que se pretende eliminar, até talvez a existencia, do todos aqueles que tendo um cerebro para pensar, não arrancham em capelinhas adoradas dum idolo embora esperanoso, mas duma flagrante inoportunidade.

«A fobia toca os extremos, sendo acoissados como cães vadios, aqueles que vislumbrando a verdade e dentro dos seus principios, só desejam que luz se forja em todos os cerebros.

«Não somos utopistas, pois que as lições da pratica e os ensinamentos do presente, nos levaram a fazer a análise das doutrinas sociais, vendo sem sectarismo, qual o caminho mais curto para chegarmos ao almejo» fim.

Mas ha quem não veja com bons olhos o nosso modo de ver e se atira a nós como Santiago aos mouros, não vendo os traslucados que em vez de organizar estão desorganizando.

A furia a quasi oiga aos Comunistas, pretende fazer do Sindicalismo uma escola de demagogia, esquecendo a doutrina em si.

Os que pretendem fazer tais creaturas, com o seu cerebro obliterado, de olhar injetando sangue, com os dentes sempre rangendo, prontos a cavar o seu odio; é a desorganização do operariado.

Soh a bandeira do Sindicalismo, devem caber todos os credos todos as creenças. Dentro do Sindicato não se deve forçar com a gaza de malfeitor a consciencia de cada um.

E' um explorado? Vem para o nosso seio foi esta a doutrina que aprendemos com os grandes mestres e que prevalece sobre tudo e todos.

Mas não. Persegue-se, insulta-se, coartam-se direitos, a todos aqueles que não conjunguem no credo duma verdadeira camarilha que se está organizando.

Ista vai mal, mas muito mal, não podendo continuar este estado de coisas por muito tempo, precisando-se descobrir a «chantage» que faz em volta de nós.

Obodecendo á necessidade de organizar todos os elementos dispostos a enfrentar a Revolução pelo caminho mais curto, organizou-se o Partido Comunista Português.

Alguns dos seus mais acérrimos detractores quizeram em inicio fazer deste organismo uma especie de filarmónica sertaneja, com nome pomposo de Aliança ou Federação Comunista, como durante alguns anos existiram varios grupos com nomes parecidos, compostos de meia dezena de individuos, que pouco ou nenhuma vida deram ás suas ideias e que resurgem agora como ogumelos nestes dias de céu nublado, que é o tempo proprio da sua cultura. Mas prevaleceu o bom criterio de ser preciso fazer mais alguma coisa, preparando o futuro, do que queresquer [grunhelo] alojados na agua-fartada de qualquer viela duvidosa, ou [em casa dum camarada] entusiasta que atacado da brotoja anarquica, mal tendo dirigido os livros dos grandes mestres, julgavam com os seus anatemas, jugular a burguesia inteira.

Mas o diabo em vez de Aliança ou qualquer outra coisa, deliberou chamar-se ao novo agrupamento Partido Comunista.

Aqui está o Carmo e a Trindade. Partido Comunista? Não pôde ser. Fóra os barriguistas que querem ga-

mela! Partido? Isso cheira a politica: fóra... fóra...

E a «chantage» vai no seu auge, calculando-se tudo e todos não vendo os envergamentos que estão dando pancada em si proprios a ponto de estar soffrendo a organização operaria com a sua attitud: de ferrabrões de má morte.

Políticos?! Políticos estão fazendo os rícha-comunistas á laia de Afonso Costa, esquecendo-se do que é o verdadeiro sindicalismo, a pontos de se negar a solidariedade sindical aos presos? Jovens comunistas, porque tiveram o estupor da ideia, a velocidade de comemorar internacionalmente a 7.ª semana comunista.

Ora o ralo dos politicos que querem fazer a Revolução Social, insinuando nas massas mais um pouco de energia, de alento para o ato que se aproxima! Fóra. fóra, que são politicos. Dentro do Sindicato não podem estar tais creaturas e preciso atormental-os, matando-os á fome porque quem tem ideias politicas não sendo da grei, deve ser corrido...

Um alvitre: Proponho a expansão em todos os Sindicatos, a quem esteja

no Partido Comunista, ou não vá no bote dos seus detractores.

Fóra com eles!...

VIEIRA DA CRUZ.

Os jovens comunistas presos

Pelos infundamentados motivo que em outro lugar do nosso jornal descrevemos, encontram-se presos, há já mais de 1 mês, 12 camaradas jovens comunistas.

São eles: Armando dos Santos, Guilherme de Castro, Joaquim José Odónimo, Armando Ramos, Sebastião Lourenço, Manuel da Silva Costa, Jorge da Silva Pinheiro, Joaquim Rodrigues, José Madeira Rodrigues, Manuel Francisco Roque Junior, Matias José Sequeira e José de Sousa.

A excepção deste ultimo que está no Forte de S. Julião da Barra, todos os restantes se encontram na Cadeia do Limoeiro.



EM PROPAGANDA DO COMUNISMO

A Organização Comunista Portuguesa

NO CENTRO COMUNISTA DE LISBOA

Promovida pelos Corpos Directivos do Partido realizou-se no passado domingo, na sede provisória do Centro Comunista de Lisboa, a sessão solene de inauguração deste organismo, na qual foi dada posse de direito à Comissão Administrativa composta das camaradas Carlos de Araújo, Acácio Augusto, Artur Bastos, José de Almeida e Julio Pereira, os quais, dias antes, haviam sido eleitos na assembléa geral fundadora do Centro, na qual foram também aprovados os estatutos provisórios do novo baluarte comunista.

Pelas 14 horas começou afluindo à sala das sessões, severamente decorada na singela da sua ornamentação, uma numerosa assistência, na qual se notava farta concorrência do elemento feminino, e que a breve trecho se espalhou também pelos gabinetes, pejanando ainda os corredores nos quais só dificilmente se transitava.

Finalmente pouco antes das 15 e meia assume a presidência, a convite dos Corpos Directivos, o nosso presado camarada Dr. Sobral de Campos, membro da Comissão geral de Educação e Propaganda, o qual recebido com manifestações de carinho, convida para secretários os camaradas Vieira Bastos, da Comissão Administrativa do Centro e H. Caetano de Sousa, nosso secretário de redacção e da Junta Nacional.

Aberta a sessão, Sobral de Campos saudou o Centro que vai ser inaugurado e agradece a honra de o seu nome ter sido indigitado para a presidência, declara, porém que mais teria sido seu desejo que dele antes se não houvessem lembrado, porquanto estando a correr uma sindicância aos seus actos como director do Asilo de Mendicidade, rejeita que a anónima e sórdida campanha de odios e malquerenças que contra ele se levanta possa resultar em desabono do Partido a que pertence, não obstante estar na posse de todos os elementos para oportunamente, e dentro em breve, pulverizar completamente essa campanha da qual sairá liberto, ele o réu, e justiça os ante os seus detractores. Que todos esperem confiados, como ele confiadamente espera.

A propósito o orador que inteiramente prende a atenção de toda a assistência, revela a mesquinha trama das baixas intrigas burocráticas, e diz que, a não ser isto, por forma alguma adentro dos seus ideais se encontra deslocado no cargo que exerce. Visiona o que será na sociedade de amanhã, a assistência verdadeiramente humanitária, sem o carácter deprimente de esmola, aos enfermos, invalidos e velhos desvalidos para os quais tem palavras de repassada ternura; assim a transformação da sociedade, a não ser que a Revolução outro posto de luta lhe destine, encontra-o há no seu lugar que ele então melhor ainda desempenhará no seu mais levantado aspecto de solidariedade humana.

Fala também da sua profissão de advogado, mostrando como sempre a tem exercido o mais coerentemente possível com os princípios que professa, praticando assim o compromisso que com a sua consciência assumiu ao sair já formado a porta terrea da Universidade, de já mais assucar em processo crime, ninguém, levando às odas que sugestivamente descreve num empolgante quadro, como focos de crimes e de desumanidade.

Passando a abordar outra ordem de considerações, Sobral de Campos refere-se agora largamente ao Partido, cuja necessidade ele já preconizava antes mesmo da sua fundação, para que, ao lado da organização económica, os trabalhadores tivessem uma organização política exclusivamente sua. Confusões lamentáveis surgiram a propósito do recente manifesto do Partido, mas faz votos para que o tempo, o estudo

isento de paixões e o trabalho sereno aproximem, em íntima concordância, as duas organizações. E traçando magistralmente o quadro do desalvamento político e financeiro da burguesia, acha que essa aproximação e concordância entre as duas grandes forças organizadas, absolutamente se impõe, para que a catastrophe iminente da liquidação do regime burguês não resulte num mal irremediavelmente, por culpa dos trabalhadores.

Findo este discurso calorosamente aplaudido, H. Caetano de Sousa saudou, em seu nome pessoal, a Comissão Administrativa que vai tomar posse, e o camarada presidente. Sente-se tanto mais honrado nesta última saudação, quanto prestando justiça às palavras honestas de Sobral de Campos a propósito da sindicância burocrática que lhe foi levantada, entende contudo tais declarações absolutamente desnecessárias para a assistência que as escutou, por o passado revolucionário daquele camarada estar infinitamente superior à mesquinha campanha que só desclassificados lhe movem. E assim como manifestação de viva repulsa para com esses desclassificados, entende até ter sido da mais oportuna justiça a indicação da pessoa de Sobral de Campos para a presidência.

As singelas palavras do nosso camarada de redacção são muito apoiadas, após o que se procede ao acto de posse. E' ainda Caetano de Sousa quem a confere, em nome dos Corpos Directivos do Partido, para o que lê o respectivo termo já lançado no livro competente que assina bem como os eleitos.

Alberto das Neves, vogal da Junta Nacional e tesoureiro do Conselho Económico, saudou pelos Corpos Directivos, a Comissão Administrativa do Centro, de cujos membros não faz a apresentação por serem figuras de todos bem conhecidas e por mais alto do que ele, orador, o poderia fazer, por eles falar bem eloquentemente a sua consciente acção de sempre como trabalhadores organizados.

História a fundação do Partido Comunista e diz das razões do seu aparecimento entre nós, destacando como, contrariamente ao que tem sucedido lá fora em que os Partidos Comunistas tem saído de sciões levantadas no seio dos socialistas pelas minorias dos elementos mais revolucionários, aqui foi antes uma forte maioria de libertários quem lançou a nova organização política. Deste facto deduz eloquentemente a falsidade da acusação levantada ao Partido por criaturas menos bem intencionadas, do que ele é, e se afirma nos seus fins exclusivamente autoritário.

Combate também vivamente os que afirmam de má fé visarem os comunistas ao enfraquecimento da organização sindical, demonstrando que, muito pelo contrario, eles lutam antes afanosamente pelo seu engrandecimento.

Convida os trabalhadores conscientes que, por virtude do confusionalismo aciosamente levantado à roda da organização comunista, se encontram ainda perante esta numa situação de retraimento, aliás injustificado, a aguardarem serenamente a realização próxima do 1.º Congresso do Partido no qual será fixada claramente a sua directriz revolucionária—e terminando, lava um veemente protesto contra a prisão arbitrária dos jovens comunistas, aos quais muito gostosamente significa a inteira solidariedade do Partido.

Pela Comissão Administrativa do Centro, Carlos de Araújo agradece as saudações que a esta tem vindo a ser dirigidas a propósito do acto da sua posse.

Traça o programa da Comissão, demonstrando como ele se encontra inteiramente identificado com os princípios gerais partidários, e como estes por sua vez devem calar bem

fundo na consciência de todos os trabalhadores.

Examina o problema das relações entre o Partido e a C. G. T., sem subalternizações que nunca estiveram nem no pensamento nem na acção daquele e que só foram inventadas para defesa dos seus interesses, pelos burocratas da organização sindical apoiando-se numa maioria de aspirantes a essa mesma burocracia, contra o sentir da minoria de sindicalistas verdadeiramente revolucionários.

Lamenta tanto mais que o apelo dos comunistas para a frente única não fosse até hoje escutado como cumpria, quanto a burguesia cada vez mais forte se encontra, e mais e mais se une e cerra fileiras para a garantia dos seus iníquos privilégios.

Descreve a situação dos trabalhadores organizados à data da fundação do Partido Comunista: desânimo dum lado e cobardia do outro, e mostra como precisamente, graças ao comunismo político, o sindicalismo tem subido e se tem prestigiado.

E' que se a organização económica dos trabalhadores é uma coisa, e a sua organização política é uma outra muito diferente, estas duas forças podem e devem ter contudo uma esfera de acção comum e concordância íntima, sem mutuos atropelos, e que só a ambos beneficiará. O manifesto do Partido visava a isso e tel-o-a conseguido por completo, se certos elementos, em vez de discutirem idéas, não tivessem antes feito à roda dele puro personalismo. Pretendendo dar na nova organização política uma machadada de morte, só se feriram a si próprios, tendo estado prestes a criarem no seu seio se não fosse a muita tolerância dos comunistas, scizão violenta que os aniquilaria.

O sindicalismo tendendo desde já a melhorar as condições materiais dos trabalhadores que com perda da sua mais elevada finalidade económica, demasiado se tem preocupado com mais um vintem de salario e menos uma hora de trabalho, não fará a transformação da sociedade. A propósito cita o exemplo da Russia, país economicamente atrasado e sem organização sindical, onde a Revolução primeio se fez, e prssando a referir-se à Italia mostra como ainda o recente movimento ali iniciado de expropriação das fabricas e oficinas pelos trabalhadores, não vingou precisamente por não ter sido acompanhado, senão antecedido, da apropriação violenta do poder político que a garantia e defenderia. E' que só a acção económica não derrubará o regime burguês e será antes uma bem conduzida acção política que o liquidará, sem que a ditadura inevitável seja só de alguns homens, nem sequer mesmo de um partido, mas de todos os trabalhadores organizados politicamente.

Por ultimo o orador lembra os de veres de solidariedade para com os jovens comunistas presos, deduzindo sobre o assunto, como indice seguro das perseguições governamentais que aos comunistas começam a ser movidas, que a burguesia bem justa e claramente vê que neles está o seu unido inimigo de temer.

Ramos da Cunha, em nome da Junta Nacional das Juventudes Comunistas, agradece as saudações carinhosas que tem sido dirigidas aos jovens comunistas detidos e saudando o Partido, augura que o Centro Comunista de Lisboa virá a ser um forte baluarte de luta.

História largamente as razões de fundação das Juventudes Comunistas descrevendo o papel que se propõe a mocidade ardente n'elas agremiada.

Faz a calorosa apologia da Revolução Russa e combate vivamente o puritanismo anarquista daqueles que, em ultima análise, só pactuam com a burguesia na sua obra de guerra sem tréguas, á revolução imediata.

Muito aplaudido este orador segue-se no Nucleo da palavra Pereira Junior, pelo Nucleo dos jovens Comunistas de Lisboa.

Refere desenvolvimento dos motivos porque as Juventudes Socialistas, de que foi componente, ingressaram nas Juventudes Comunistas e a proposito ataca, com energia, a falta de acção revolucionaria do Partido Socialista.

Diz-se hoje mais socialista do que nunca no sentido puro do termo, porque ser comunista é ser verdadeiramente socialista—e termina agradecendo também as boas afirmações produzidas de solidariedade para com os presos, saudando o Partido e o Centro que se inaugura.

Bernardino dos Santos historia e comenta a obra social completamente falida de 11 anos de Republica, ao mesmo tempo que, a par e passo, descreve e critica a acção, nos últimos anos, da organização sindical cujos principais erros aponta, entre eles o de um exclusivo puritanismo que reputa nefasto.

Constata a actual incapacidade governativa dos partidos da Republica e a falta, de sempre, de acção revolucionaria no Partido socialista—e relatando largamente os fins do Partido Comunista, faz dele a apologia como um partido, não de platonismos, mas de acção imediata.

Espera muito da acção do Centro Comunista de Lisboa e termina saudando não só os jovens comunistas detidos, como todos os presos por questões sociais.

Pouco antes de Bernardino dos Santos ter concluido a sua acção, é interrompido, com permissão, pelo velho camarada Avila que levanta alguns reparos a afirmações produzidas pelo orador. Este explica-as e Avila dá-se por inteiramente satisfeito, reconhecendo, não obstante o seu puritanismo de que não abdica, que o Partido Comunista tem toda a razão de ser e que um importante papel social lhe esta destinado.

Passa a discursar o nosso presado camarada Joaquim Cardoso que começa acentuando muito se regosijar com o facto de na sala se encontrarem, não só comunistas, mas representantes e interpretes de outros ideais. E se tal significa que o debate de opiniões se vai iniciar, mais se congratula ainda, na convicção de que esse debate limpará e prultificará o ambiente social, de todas as malquerenças, odios, pequenismos despeitos e mesquinhas vaidades arranhadas que tem abocanhado o Partido.

(Continua).

Um belo gesto que é um exemplo

Não desconhecem os nossos amigos o nome de André Marty, um dos bravos marinheiros da esquadra francesa do Mar Negro, notou-se de não querer fazer fogo contra os bolchevistas de Odessa e de insubordinar a guarnição do seu navio.

Marty foi condenado em conselho de guerra a 20 anos e encerrado na prisão de Clairvaux.

Num belo gesto de confraternização resolveu o partido comunista francês propor Marty a conselheiro municipal por um dos bairros de Paris, fazendo um apelo a todos os revolucionarios que votassem nele, pois que a sua eleição é a sua libertação.

O apelo foi ouvido. Comunistas, socialistas, reformistas, sindicalistas, revolucionarios, todas as tendencias, formaram um bloco em torno de Marty apoiando a sua candidatura.

André Marty foi de facto eleito conselheiro municipal de Paris (bairro de Charonne) por 4574 votos contra o candidato do governo que obteve 1643 votos.

Como esta victoria outras de maior alcance se conquistariam se o proletariado quizesse e o não o dividissem preocupações absurdas de escola.

Ao iniciar a sua publicação, «O Comunista» muito se honra em inserir os nomes dos Camaradas que compõem os Corpos Directivos do Partido Comunista Português e as Comissões Administrativas dos Centros Comunista já fundados. São esses nomes os seguintes:

JUNTA NACIONAL

Alvaro Julio das Neves, Bernardino dos Santos, Fernando Barbosa, João Nascimento Cunha e H. Caetano de Sousa (secretario).

COMISSÃO GERAL DE EDUCACÃO E PROPAGANDA

Dr. Alexandre Sobral de Campos, Antonio Peixe, Antonio Teixeira Danton, Eduardo Metzner, H. Caetano de Sousa, João Ferreira Cabecinha, Manuel Ribeiro, Raul Batista e Augusto José Afonso (secretario).

CONSELHO ECONOMICO

Antonio Peixe, José d'Almeida, José Carlos Rates, José de Jesus Gabriel, José Maria Gonçalves, Manuel dos Santos e Alberto Julio das Neves (tesoureiro).

CENTRO COMUNISTA DE LISBOA

Acácio Augusto, Artur Vieira Bastos, Carlos de Araújo, Diniz Rocha, José d'Almeida Julio Pereira e Bernardino dos Santos.

CENTRO COMUNISTA DE SANTAREM

Francisco Pereira de Sousa, Joaquim Rodrigues, José Eugenio dos Santos, José Madeira Henriques e Ramiro Gonçalves.

CENTRO COMUNISTA DO PORTO

Alfredo de Sousa, Alvaro Duarte Cerdeira, Antonio Ramos, Carlos Ouedes Dias, Manuel Cardoso, José Luiz Henrique Vilaça e Rodrigo Ribeiro.

Além destes, outros Camaradas se encontram trabalhando activamente em varias vilas e cidades da provincia, e até nas colonias, na constituição de Núcleos e Centros Comunistas.

Oportunamente daremos conta dos trabalhos que se forem realizando, e desde já a todos os arduos combatentes que na linha de fogo se batem pela grande causa da Revolução. «O Comunista» apresenta o cordial testemunho das suas fraternais saudações de camaradagem.

Centro Comunista de Lisboa

CONFERENCIA

Realisa-se hoje, domingo, pelas 14 horas, na sede deste organismo, Rua do Arco Marqués de Alegrete, 30-2.º, uma conferencia publica de propaganda comunista, sendo conferente o nosso camarada e amigo dr. Sobral de Campos.

A seguir a esta conferencia outras se realizarão para as quais já estão convidados velhos camaradas.



CONTRA OS SOVIETS

AS MAQUINAÇÕES DA ENTENTE

Os aliados e os seus humildes vassallos—os estados da pequena Entente—tendo a guisa de a França dos Millerand e dos Foch, dos Leuchebur e dos Noubens, que não aquela França dos Direitos do Homem e da Comuna, aquele país-sinho de todos os revolucionários de avant-guerre...

É necessário que os trabalhadores de todo o mundo sejam postos ao corrente dos planos infernais desses agentes da contra-revolução e empreguem, para os contrariar, todos os meios, ainda os mais difíceis, porquanto não é só o povo russo e a sua revolução que seriam atingidos por uma eventual vitória do imperialismo, mas, se-lo-ia também toda a grande massa dos oprimidos e explorados por quem os operários e camponeses russos, quasi novas vestais, têm, há quatro anos e á custa de inumeros sacrificios, mantido o fogo sagrado, o vestígio faizcante da Revolução Mundial.

A fome que, consequência atroz duma seca de mais de seis consecutivos menses, lançou sobre algumas regiões da Russia, as suas aduncas garras, fez despertar na massa trabalhadora de todo o mundo um sentimento de verdadeira e efectiva solidariedade e os governos capitalistas viram-se por isso obrigados a manifestar os seus filantropicos sentimentos perante uma desgraça de tal natureza.

Cria-se uma «Comissão Internacional de Assistencia» em que a França é representada por Oulens, o general Pau e Giraud, inimigos confessos dos soviets dos quais o primeiro era o representante da França junto do ultimo governo do tsar e áinda o presidente da comissão de auxilio ás tropas contra-revolucionarias de Wrangel, refugiadas nos Balkans depois da derrota que o exercito vermelho lhes infligiu.

Nada fez a «Comissão Internacional de Assistencia» em favor dos famintos russos—e seria ingenuidade da nossa parte se esperássemos o contrario.

Até aqui ella tem-se limitado a propor uma comissão internacional de inquerito cujos fins são manifestamente politicos e de espionagem contra-revolucionaria.

Oferecendo uma hipocrita assistencia em troca do reconhecimento por parte da Russia de dividas contraídas pelos governos de tsar dividas essas em que só os grandes senhores da antiga Russia beneficiaram e pelas quais os operários e camponeses russos se não podem responsabilizar, essa comissão de pseudo-assistencia pretendo unicamente auxiliar os maneios intervencionistas da Entente.

Senão vejamos. Ponhamos em equação as diversas variáveis do problema funções multiphas duma quantidade unica—a manutenção do regimen imperialista—, o valor do incognita resultar-nos-há immediato.

A Inglaterra, por intermedio de lord Curzon que sempre se opôs ao accordo com Krasine, enviou uma nota ao Commissariado do Povo dos Negocios Estrangeiros, Tchitcherine, consoante a Russia de pretensas infracções ao tratado estabelecido entre os dois países, na intenção bem clara de provocar Moscovo para conseguir a anulação desse tratado de commercio. Não seria muito para estranhar uma tal attitude considerada perante o tratado russo-indio e a revolta da India, se ella não coincidissem com as maquinações da França e dos países seus locais.

Em 3 de Setembro, a França que já há algum tempo vem fornecendo a Polonia e a Rumania de munições de guerra que partem encobertamente em comboios e navios, enviou ao governo de Varsovia uma nota convidando-o a enviar um ultimatum á Russia, que impoesse a esta o cumprimento integral do tratado do Biga, estabelecido entre a Polonia e Moscovo, sem que, todavia, o governo de Varsavia cuidasse de cumprir as dis-

posições que lhe dizem respeito pois tem auxiliado e continua a auxiliado e continua a auxiliar e a manter, por intermedio do seu ministerio da guerra, os bandos contra-revolucionarios de Savinkov e Balakovitch como o prova Tchitcherine na resposta enviada esse ultimatum, publicando correspondência secreta trocada entre os representantes desses bandos e o ministro da guerra polaco.

O governo de Briand não se contentou, porem, com o envio da nota. Por intermedio do seu representante, Panafieu, que sempre tem exercido uma influencia predominante nas questões externas e mes nos assuntos internos da Polonia, fez exercer sobre o governo de Witos uma violenta pressão que lhe originou a queda. A acção do governo de Paris exercio-se então, não no sentido da formação de um governo parlamentar em Varsovia, mas, procurando um golpe de estado que dissolvesse a Dieta polaca e estabelecesse uma ditadura militar, pois assim os seus maneios seriam facilitados por Pilsudski, a personagem indiciada para essa tragica farça.

Safu-lhe o gado mosqueiro, mas, a reacção francesa não desarmou e continuará a mover os cordelinhos politicos da jovem republica que, economicamente já é sua vassalla.

Ao mesmo tempo o governo dos boiárdos e tobakios, (os novos-ricos da Rumania), sentindo as costas quentes com o auxilio da Entente, especialmente da França, concentra as suas tropas na fronteira da Ucrânia, abastece as suas fortalezas com munições fornecidas pelo governo do antigo defensor acérrimo da greve geral, põe em armas a Bessarabia sob o pretexto de operações militares do outono faz circular boatos de pretensas incursões da bochevievista nossa região da Rumania e consente á presta mesmo auxilio ás tropas brancas do torpe bandido Petliura.

Este, e por isso lhe chamamos bandido—título honroso demais para tal personagem—, promove pilhagens nas aldeias da Republica Ucrainiana dos Soviets proxima da fronteira da Rumania e da Polonia e já por varias vezes os seus bandos tem feito desarrastar e destruir alguns comboios de mercadorias que seguem para as regiões famintas da Russia e da Ucrânia. E tudo isto se faz com o consentimento e ajuda dos governos de Bucarest e de Varsovia que nem sequer fingem exercer a menor repressão contra tais tropelias.

A Russia, que só deseja a paz para desenvolver a sua economia, pretendeu fazer um accordo comercial com Bucarest e foi encarregado de o effectuar o ministro dos estrangeiros rumalmo Tak Jenesco que durante algum tempo representou a Rumania em Lisboa. Vários telegramas têm sido enviados por Tchitcherine marcando a data e o local para a realização do accordo, sem que nada do accordo, sem que nada de positivo se tenha feito, pois que Tak Jenesco se excusa com diversas evasivas mais ou menos instantis como, por exemplo, negando a recepção desses telegramas, com o fim manifesto de sganhar tempo.

Se ligarmos todos estes factos: operações militares na Rumania, maneios da França por intermedio da Polonia, pretensão da Inglaterra de anular o seu accordo com a Russia, incursões e pilhagens dos bandos contra-revolucionarios de Petliura, Savinkov, Balakovitch, Wrangel, etc. com a situação actual da Russia vemos o que significa esse sganhar tempo.

Em face de todos estas maquinações, a classe operária de todo o mundo deve estar atenta para que o crime se não consuma se bem que essa nossa nova tentativa esteja de antemão votada a um desastre certo pois que o exercito vermelho está alerta e, no momento oportuno, toda a Russia se agrupará em torno da bandeira vermelha dos Soviets para que ella não seja enxovalhada pela baba peçonhenta.

JOSÉ PIRES BARBEIRA. (das Juventudes Comunistas)

PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

BASES ORGANICAS PROVISORIAS

CAPITULO I

Do Partido Comunista Português.— Seus fundamentos e fins

Base 1.ª—O Partido Comunista Português é uma organização politica nacional, assente em bases descentralizadas e federalistas.

Base 2.ª—Os fundamentos da constituição deste partido dizem respeito a:

- a) organização dos trabalhadores sobre a triplice base de resistencia politica, sindical e cooperativista; b) apoio incondicional á acção revolucionaria da Confederação Geral do Trabalho; c) entendimento e acção internacionais dos partidos comunistas e organizações sindicais; d) colaboração dos técnicos, especialistas e cientistas com as classes operarias; e) preparação e promoção de emancipação completa dos povos indigenas das colonias.

Base 3.ª—O objectivo supremo que o Partido Comunista Português procurará realizar numá acção revolucionaria, que as circunstancias do meio europeu e nacional tornarem oportuna, é a socialização integral dos meios de produção, circulação e consumo, isto é, a transformação radical da sociedade capitalista em sociedade comunista.

Base 4.ª—Consequentemente o Partido Comunista Português, quanto a processos de acção e de luta, seguirá a directriz que lhe impuserem os acontecimentos economicos e sociais, internos e externos, de momento.

CAPITULO II

Das membros individuais do Partido, e dos seus deveres e direitos

Base 5.ª—Serão membros do Partido Comunista Português todos os individuos de ambos os sexos, de dezoito anos de idade, pelo menos, que lhe aceitem os principios e as resoluções dos congressos.

Secção 2.ª—Para os ditos individuos é uma circunstancia recomendavel para a acção da sua adesões, que pertençam ao sindicato da sua profissão ou á cooperativa da sua localidade, aderente ao Partido.

Secção 3.ª—São seus deveres e direitos:

- a) tomar parte activa na vida e gerencia do Partido, discutindo e votando, nos termos e condições preceituadas nestas bases e regulamentos;

- b) serem eleitores e elegiveis para todos os corpos gerentes e comissões do Partido; c) examinar as contas de receita e despesa, na forma preceituada nos regulamentos; d) adquirir um bilhete de identidade e senhas de cotização.

CAPITULO III

Da organização geral do Partido e seus elementos constitutivos

Base 6.ª—O Partido Comunista Português, que é uma organização federal de todo o territorio nacional, é constituído:

- 1.ª por comités locais ou centros; 2.ª por federações municipais; 3.ª por secções regionais ou zonas; e 4.ª por cooperativas ou outras agremiações de identica natureza.

CAPITULO IV

Das comités locais em centros—Sua formação e seu funcionamento

Base 7.ª—Secção 1.ª—As células bases da organização do Partido são comités ou centros em todas as freguezias ou localidades.

Secção 2.ª—Os comités locais serão compostos de tres membros, pelo menos, e sempre que o numero dos seus aderentes o permitir, transformar-se-hão em centros, que nas grandes cidades constituir-se-hão por bairros.

Secção 3.ª—Cada comitê terá um secretario e um tesoureiro.

Secção 4.ª—Os estatutos dos comités locais ou centros obedecerão a um estatuto-tipo, elaborado pela Junta Nacional, em harmonia com o regulamento geral partidario.

CAPITULO V

Das federações municipais, e suas atribuições

Base 8.ª—Secção 1.ª—As federações municipais comunistas são constituídas pelos delegados dos comités ou centros e dos jornais comunistas, pertencentes ao mesmo concelho.

Secção 2.ª—Cada Federação Municipal Comunista terá uma direcção politica, exercida por uma junta executiva; uma administração financeira, exercida por um conselho economico; e uma comissão de educação e propaganda, que serão anualmente eleitos pela assembleia dos seus delegados.

Secção 3.ª—São atribuições principais das federações municipais, por

intermedio das suas juntas executivas, fiscalizar a acção dos comités locais ou centros, fazendo-lhes cumprir as deliberações das Juntas Federais das Secções, da Junta Nacional do partido e dos congressos.

Secção 4.ª—Compete ás federações municipais, por intermedio dos seus conselhos economicos:

- 1.º organizar os respectivos orgamentos; 2.º criar fontes de receita, fazer a cobrança das cotas e doutros rendimentos e promover as despesas; 3.º organizar estatísticas de produção e consumo dos respectivos concelhos, bem como as dos movimentos democraticos operarios.

Secção 5.ª—Compete ás federações municipais, por intermedio das suas comissões de educação e propaganda, promover a educação moral e intelectual dos trabalhadores, a fundação de escolas, a realização de conferencias scientificas, a instalação de bibliothecas, etc.

CAPITULO VI

Das secções ou zonas regionais e suas atribuições

Base 9.ª—Secção 1.ª—Nos territorios (de Portugal, sitos na Europa, o Partido Comunista Português dividir-se-ha, pelo menos, nas tres secções ou zonas regionais seguintes: 1.ª Zona regional do norte; 2.ª Zona regional do centro; 3.ª Zona regional do sul; § unico—Não são comprehendidos nestes territorios os das ilhas adjacentes que deverão constituir-se em federações autonomas, com representção no orgão executivo supremo do partido.

Secção 2.ª—As zonas ou secções regionais são constituídas pelas federações dos organismos partidarios dos respectivos concelhos.

Secção 3.ª—Cada zona ou Secção Regional Comunista terá uma direcção politica, exercida por uma junta federal; uma administração financeira, exercida por um conselho economico regional; e uma comissão de educação e propaganda, que serão anualmente eleitos pelos congressos regionais do norte, centro e sul.

Secção 4.ª—Compete ás zonas ou secções regionais por intermedio dos seus organismos de direcção politica, administração financeira e propaganda educativa, dentro das esferas das suas jurisdicções respectivas, as mesmas funções que, nestas bases, se atribuem aos corpos directivos, seus congéneres, das federações municipais.

(Continua)

A. C. G. T. não é politica

É frequente ouvirmos vozes assustadas nos jornais burgueses referirem-se á acção politica e revolucionaria da C. G. T., alguns dos quais obegam até a supor, com uma ingenuidade pasmosa que a C. G. T. obedece ás ordens de Moscow e trabalha para fazer a revolução social: A C. G. T. inquieta, apavora, causa calafrios e os proprios burgueses supõem que nas suas reuniões se forjam «complots» e se tramam golpes de Estado bochevievistas!

Ora não nos parece que coisas tetricas se passem ali. Não só os estatutos como principalmente a politica diversa de cada um dos componentes do comitê confederal impõem a unanimidade de pontos de vista para uma acção revolucionaria immediata. Esta divergencia doutrinal na C. G. T. é tão profunda que mesmo na mais secreta intimidade ninguém se atreveria a propor um acto subversivo de caracter politico na certeza de que contra elle se levantariam as opiniões dos seus colegas comungando em credos

diferentes e querendo portanto a revolução a seu modo.

O comitê muda C. G. T. composto de anarquistas, socialistas, comunistas e sindicalistas occupa-se apenas dos interesses economicos do proletariado, exactamente como o conselho de administração duma companhia ou dum Banco se occupa apenas dos interesses da empresa, independente da politica de cada um dos seus membros. Esta comparação é exacta. O conselho de administração dos nossos caminhos de ferro, por exemplo, é composto, entre outros, dos srs. Mello e Sousa (monarquico), Fausto de Figueiredo (republicano-democratico), Barros Queiroz (n publicano-liberal).

Admite alguém que o sr. Mello e Sousa vá propor aos seus colegas a utilização dos caminhos de ferro para um movimento monarchico, ou o sr. Fausto de Figueiredo a sua utilização para uma revolução anarquista? O absurdo salta aos olhos.

A C. G. T. é um organismo puramente economico e os unicos movimentos que pode provocar são de caracter economico, como sejam as greves. A C. G. T. portanto não é um organismo politico.

Occupando-se apenas da defesa dos interesses operarios contra a exploração capitalista não tem nem lhe é

permitted ter interferencia em assuntos de caracter politico.

As divergencias politicas são ás vezes até tão perturbadoras que os esforços que deviam empregar-se para combater o inimigo comum se utilizam infelizmente nas dissensões internas. Haja em vista o que succedeu agora em França, onde se acaba de dar uma tão grave soção.

A todos os camaradas que eram assinantes da «Bandeira Vermelha», e que desejem assinar o «Comunista», podem já escrever para a administração deste jornal.

Por falta de espaço ficou grande porção de original por publicar, o que pedimos desculpa aos camaradas que nos enviaram.